



### FORMULÁRIO PARA RELATÓRIO FINAL

1. Identificação do Projeto

Título do Projeto PIBIC/PAIC								
MEMÓRIAS DOS VELHOS DO PARQUE RIACHUELO I								
Orientador								
Marcelo Gustavo Aguilar Calegare								
Aluno								
Claudia Daniela Nascimento de Freitas								
Informações de Acesso ao Documento     2.1 Este documento é confidencial?								
SIM X NÃO								
2.2 Este trabalho ocasionará registro de patente?								
SIM X NÃO								
2.3 Este trabalho pode ser liberado para reprodução?								
X SIM NÃO								

## 3. 4 Em caso de liberação parcial, quais dados podem ser liberados? Especifique.

### **RESUMO**

Na cidade de Manaus, muitos bairros e comunidades surgiram devido a invasões e ocupações,reflexo da rápida expansão econômica a partir dos anos 1960, o que gerou crescimento geográfico desordenado. Tais lugares já possuem seus registros oficiais perante o governo. Todavia, quantos episódios individuais e peculiares de cada morador são ignorados? As vivências das pessoas nesses bairros também são importantes, pois produzem o modo de ser nesse local. Diante disso, tivemos por objetivo reconstruir da história do Parque Riachuelo I a partir das memórias dos moradores mais antigos da comunidade. Este processo foi realizado mediante pesquisa qualitativa,





de caráter exploratório descritivo, por meio de entrevista aberta (de profundidade) com 6 moradores com mais de 20 anos de moradia no bairro, e com análise de conteúdo segundo Bardin (1977). Os resultados revelam o trajeto da comunidade ao longo dos 40 anos de existência da mesma, do momento em que passou a ser povoada até os dias atuais. Durante este período ocorreram melhorias no local, algumas mediante luta dos próprios comunitários. Também foi relatada através da narrativa a percepção dos entrevistados a cerca do ambiente em que vivem. Desse modo, percebeuse a existência de um sentimento de pertença à comunidade que se encontra adormecido, pois no decorrer do tempo, as redes comunitárias ficaram fragilizadas, impossibilitando sua estima e valorização.

Palavras-chave: comunidade; memória social; Manaus

### 4. Introdução

Na cidade de Manaus, muitos bairros e comunidades surgiram devido a invasões e ocupações, reflexo da rápida expansão econômica a partir dos anos 1960, o que gerou crescimento geográfico desordenado. Jesus e Aguiar (2011) falam sobre esta expansão reportando-se ao passado, quando lembram o fato de terem surgido espaços organizados, como o centro da cidade com suas ruas, tal qual a av. Eduardo Ribeiro, av. Getúlio Vargas e rua Joaquim Nabuco. No entanto, também nasceram outros espaços desorganizados e com péssima infraestrutura, o que transformou os espaços de florestas recortados por igarapés em aterros contínuos e desmatados para construção de edificações. Tais lugares, que atualmente se transformaram em bairros, já possuem seus registros oficiais de forma objetiva e sistematizada. Todavia, quantos episódios individuais e peculiares de cada morador são ignorados por não serem relevantes para a história geral do local? O que não se pode esquecer é que estes fatos isolados são parte do cotidiano dos que vivem naquela comunidade, logo possuem alguma influência no fluxo das atividades comunitárias. Em outras palavras, as histórias das pessoas nesses bairros produzem o modo de ser nesse local.

Um dos bairros originários deste fenômeno de crescimento espacial em Manaus é o Parque Riachuelo I, o qual existe há aproximadamente 40 anos e tem sua história relacionada a grileiros e posseiros que iniciaram o processo de povoamento do local (CALEGARE et at., 2015). Apesar de haver nomes de pessoas em destaque que fizeram parte desse momento inicial, isto é, dos grileiros que se apossaram das terras, ainda hoje na comunidade residem os primeiros moradores e que sabem e acompanharam todas essas histórias. Isso significa que existem ricos relatos de cada





pessoa, onde são contadas suas histórias com os mínimos detalhes daquele que viveu, sentiu e viu acontecer todo o surgimento e crescimento do bairro.

Nesse sentido, Bosi (2003) descreve que a narrativa coletiva é uma expressão da memória coletiva, produzida no interior de uma classe, e que tem o seu conteúdo como formador da identidade dessa classe. Logo, a memória coletiva apresenta características da classe em geral, mas não aprofunda a especificidades de cada ser participante da mesma. Por isso a importância de abordar o relato individual, para conhecer a singularidade que compõe a narrativa coletiva.

#### 5. Justificativa

Ainda segundo Bosi (1994), a memória dos velhos é o intermediário informal da cultura. Ou seja, há a história oficial que conta acontecimentos segundo o ponto de vista dos vencedores, constituindo-se como representações ideológicas. Mas por outro lado, a história vivenciada pelo povo conta fatos e acontecimentos que modelaram identidades e, por outro lado, criam culturas populares. Nesse sentido, o trabalho da memória parte da experiência individual do perceber e do lembrar acontecimentos vividos. E nada melhor do que resgatar a história dos mais velhos.

Desta forma, este projeto de iniciação científica busca reconstruir a história da comunidade Parque Riachuelo I a partir dos relatos daqueles que sempre estiveram ali, as pessoas que ajudaram a comunidade a nascer: os mais velhos. Além de mostrar o crescimento da comunidade, resgatar essas histórias revela também o desenvolvimento da pessoa ao longo do tempo. Mergulhar nestes relatos faz com que as próprias pessoas possam resgatar a sua história, reafirmando suas identidades. Por outro lado, isso mobiliza afetos pelo seu ambiente de moradia, despertando também o sentimento de comunidade e de grupo existente em cada um que participará desta atividade.

### 6. Objetivos

Neste projeto o objetivo central é reconstruir a história do Parque Riachuelo I a partir das memórias dos moradores mais antigos da comunidade. Dentro disto, alcançar três fins em específico: localizar os moradores mais antigos da comunidade; entrevistar esses moradores mais antigos, para resgatar suas memórias relacionadas às origens da comunidade; compilar os relatos e reconstruir a história do Parque Riachuelo I, na forma de um livreto.

#### 7. Metodologia

Esta é uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório descritivo. Este tipo de pesquisa, segundo Gil (2008), busca apresentar uma nova visão de certa problemática. Apesar de já haver a





história oficial sobre a origem do bairro Parque Riachuelo I, daremos margem à uma outra perspectiva do assunto, pois as pessoas que vivenciaram o processo irão contar a partir da sua visão. Ao unir todas as histórias contadas, atingiremos o objetivo de abordar uma outra versão do fenômeno em questão (a história do bairro). O instrumento utilizado nesta pesquisa é a entrevista aberta, onde pesquisador e participante conversam de forma direta e o contador da história tem total liberdade para fazer a sua narrativa. É importante citar a existência de contatos anteriores, a fim de que o entrevistado sinta-se confortável para expor suas memórias. E através destas conversas prévias e em diálogos com os vários moradores é que fomos coletando os nomes seguintes para o desenvolvimento da pesquisa.

Para análise das entrevistas, utilizamos a análise de conteúdo segundo Bardin (1977), a qual diz que este procedimento é um conjunto de técnicas utilizadas para a análise das comunicações. A análise do discurso consiste das seguintes etapas: a) pré-análise (das entrevistas transcritas), em que se procede uma leitura flutuante e as primeiras hipóteses e categorias vão surgindo; b) exploração do material, em que se procedem as codificações, enumerações e regras estabelecidas na pré-análise, definindo as categorias; c) tratamento dos resultados e interpretação, por meio da categorização, em que se expõem as categorias levantadas com os materiais das entrevistas, por semelhanças e diferenças, com inferências alcançadas. Estes passos foram seguidos durante o período de coleta das informações.

#### A comunidade Parque Riachuelo I

O local da pesquisa é o bairro Parque Riachuelo I, localizada na Zona Oeste da cidade de Manaus, onde, aproximadamente, residem cerca de 150 famílias. A comunidade possui condições precárias de infraestrutura, pois não possui regularidade em questões de água e energia, além de péssimas condições de rua, isto é, não há asfaltamento nas ruas, o que influi em assuntos como locomoção das pessoas, visto que transporte público não adentra o local, e em dias de chuva quase não há possibilidade de acesso ou trafego no local. A comunidade possui instituições religiosas de diferentes vertentes, uma UBS com pouco tempo de existência, uma escola de ensino fundamental. Parece não ser uma comunidade carente, visto que, a partir de pesquisas já realizadas no local (CALEGARE et at., 2015) e do relato dos próprios moradores, percebeu-se que a grande maioria dos moradores possui renda, emprego "estável", alguns são funcionários públicos com bons cargos ou comerciantes do próprio local. Não foi percebido situação de pobreza. No mais, a comunidade





possui, em sua maioria, moradores mais antigos, mas ainda vem sendo preenchida com a chegada de novos.

### Os entrevistados

Através de conversa informal com moradores aleatórios da comunidade, iniciou-se uma busca por nomes que seriam dos moradores mais antigos da comunidade, os que tenham um mínimo de 20 anos de moradia no local. No decorrer das visitas à comunidade alguns nomes foram sendo apontados e as entrevistas começaram a ser coletadas.

A pesquisadora já conhecia a comunidade e alguns de seusmoradores por conta de um projeto de extensão realizado no local (CALEGARE et al., 2015), o que facilitou a inserção deste estudo na comunidade. Inclusive foi apartir deste momento que percebeu-se a necessidade de buscar os moradores mais antigos, a fim de reviver a história do bairro com o intuito de despertar o sentimento de pertença no novos moradores. Através das conversas e indicações dos próprios moradores, chegamos aos seguintes nomes:

Nomes dos entrevistados (indicados pelos comunitários)									
Nome do Participante	Descrição								
Seu C.	Morador da comunidade há 27 anos, tinha 70 anos de idade, dono de um bar na principal rua da comunidade, membro da Associação de Moradores.Foi morador no local, pois tornou-se caseiro do Seu V. Ele foi indicado por muitas pessoas da comunidade, é bem conhecido. Seu C. faleceu durante a realização deste projeto.								
Seu V.	Morador do bairro há 36 anos. Aposentado, casado com uma médica Dona A. Ele possuía outras terras na comunidade e possuiboas condições de vida. É provável que tenha sido o 3º morador do bairro.								
DonaG (mãe)	Veio morar no bairro, pois seu marido foi trabalhar como caseiro do Seu V. Trabalhava como doméstica em outra casa do mesmo senhor. Levou sua família para morar na comunidade e criou seus filhos lá.								
Dona G (filha)	Filha de D. G (mãe), casou e constituiu família na								





	comunidade. Hoje tem uma casa num terreno ao lado de sua							
	mãe, onde seus filhos construíram suas próprias casas e							
	tambémconstituíram família no local. Ela participa das							
	atividades da comunidade.							
	Morador do bairro há 20 anos. Possui o comércio de maior							
	influência da região. Veio do Maranhão a fim de passar 6							
	meses na casa de um irmão que morava na comunidade,							
Seu P.	contudo gostou do local e fixou residência lá. Criou seus							
	filhos, os quais já casaram e mudaram-se do local, e							
	desenvolveu seu comércio, o qual localiza-se na principal rua							
	do bairro.							
	Morador do bairro há mais de 30 anos, acredita ter sido o 5º							
	morador do local. Conheceu a comunidade através de um							
Seu R.	colega com quem trabalhou - o Seu M., o qual era irmão do							
	Seu V, Seu R, e Seu V. São amigos até hoje e tem histórias em							
	comum.							

### 8. Resultados e Discussão

Os moradores puderam, a seu modo, contar a história do bairro Parque Riachuelo a partir de suas vivências pessoais. A maioria das histórias está entrelaçada, o que mostra a rede comunitária existente no principio da comunidade. São pessoas com grande experiência de vida que contam como suas famílias, seus trabalhos, suas necessidades e possibilidades as levaram ao contato com o bairro. Após a análise dos discursos, configuramos alguns tópicos que se destacaram e foram em comuns no relato dos moradores, tais pontos foram correlacionados com conceitos que dizem respeito aos mesmo. Logo, temos os seguintes tópicos para análise e estudo: a) O surgimento da comunidade na vida destas pessoas; b) as melhorias e os ganhos da comunidade ao longo dos anos; c) Engajamento comunitário X Sentimento de comunidade; d) Gostar de morar na comunidade.

### 8.1. O surgimento da comunidade na vida das pessoas

O inicio da comunidade Parque Riachuelo I ocorreu em torno dos anos 1960, momento em que a cidade de Manaus teve uma rápida expansão econômica, o que gerou crescimento geográfico desordenado. Retomo aqui Jesus e Aguiar (2011), quando falam do fato de terem surgido espaços





organizados, como o centro da cidade com suas ruas, tal qual a av. Eduardo Ribeiro, av. Getúlio Vargas e Rua Joaquim Nabuco. E na existência destas ruas no centro da cidade, aDona Guiomar (mãe) já traçava sua história e a levou para a comunidade:

E eu morava em Itacoatiara, vim pra cá e morava na Eduardo ribeiro. Vim e trouxe todo mundo, meu marido veio na frente, eu cheguei aqui, fui e juntei banana com meu filho.

A comunidade que existe há, aproximadamente, 40 anos, tem sua história relacionada a grileiros e posseiros que começaram o processo de povoamento do local (CALEGARE et at., 2015). Apesar disto, todas as pessoas que foram entrevistadas relatam que compraram suas terras legalmente. É importante esclarecer o termo grilagem:

A ocupação ilegal de terras tornou-se um poderoso meio de dominação fundiária na Amazônia, resultando em grande disparidade social. Conhecida como grilagem, a falsificação de documentos de terra é usada freqüentemente por madeireiros, criadores de gado e especuladores agrários para se apossar de terras públicas visando sua exploração." (INCRA, 2000, s.p.)

Alguns, como o Seu R., até citam ter conhecido o grileiro Paulo Farias (principal posseiro do local), mas que suas terras não têm relação com ele:

É...Conheci o Paulo! Na época ele se dizia dono daquela outra área lá mais a frente... Me lembro do Paulo, conheci...conheci pessoalmente (...) Era conhecido em Manaus toda. Ele era um grileiro...que ele chegava num lugar e não tinha documento (...) e ele ia, documentava e quando chegava já chegava se dizendo dono da terra e se a pessoa não aceitava e ele tirava na marra com seus jagunços...ihh...Ele ameaçava mesmo (...). Quando eu comprei ele não tinha nada a ver, mas conheci o Paulo e conheci também as suas façanhas, com certeza, acho que de tanta praga que jogaram nele, não demorou muito, ele morreu... (risos).

Os primeiros moradores trazem em seus relatos que conheceram o bairro a partir de familiares já moravam no local. Mas uma grande parte conheceu-o por ter conseguido emprego de caseiro nas grandes terras existentes no local. Por exemplo, Seu C., que tinha 27 anos de moradia, tornou-se caseiro do Seu V., através do convite de um cunhado, logo trouxe sua família e até hoje residem no local:

Entrei na Panaí, estava devagar por lá! Tinha um cumpadre meu la, e disse: 'menino, vai la pro sitio e fica lá de caseiro', aí eu disse: 'Será? Mas eu não sei ver isso aí', e ele falou: 'Vambora que la você aprende'. Aí eu fui.( risos).(...) E aí comei a trabalhar aí, (..)em 82, me lembro...não, era mais...era!Já moro há 27 anos, era 87.

Assim como Seu C., Dona G.(mãe) e Dona G. (filha) também foram morar na comunidade, porque seu marido e pai, respectivamente, foram trabalhar de caseiro na casa do Seu V. Dona G(filha) disse como era o bairro e da dificuldade de ir morar em um local onde só existia mato, ela era muito jovem:

Quando eu vim pra cá meu pai era caseiro do Seu V., na época que a gente veio pra cá só tinha a casa dele, aqui tudo era mato, não tinha luz, era lamparina. Tinha uns 4 sítios só e todos um distante do outro que tinha aqui, só era a gente mesmo que tinha. A minha mãe trabalhava fora de doméstica no apartamento do Seu V.





Colocamos aqui, também, a fala de Seu P. que se mudou para a comunidade, pois seu irmão morava no local, uma visita de alguns dias tornou-se uma estadia permanente:

Através de um irmão meu que já morava aqui e me convidou pra passar uns dias, aí era pra passar 6 meses e estou com 19 anos (risos).

É interessante pensar no momento de estruturação do bairro, os moradores conhecem a historia das ruas? Qual a relação destas denominações? Seu V., um dos primeiros moradores já mantinha contato com o local, visto que seu irmão havia comprado terras. Hoje as ruas têm outros nomes que diferente do nome do bairro, ele conta sobre:

Aí já chama Parque Riachuelo, porque todas as ruas aqui era assim, rua Duque de Caxias, rua dos farrapos, rua Tororó, nomes de fatos históricos, viu? Daí porque a batalha naval de Riachuelo.

Seu R. que diz ter adentrado a comunidade quando a mesma era povoada por cerca de 4 famílias, também dá a sua contribuição sobre essa questão dos nomes das ruas e do bairro:

Eu vim pra cá em agosto de 1986, né? Aqui não era propriamente um bairro, era um loteamento, né. Tinha 4 ruas. O nome era..foi..as pessoas que lotearam essa área aqui eram...Parque Riachuelo e como Parque Riachuelo o nome era resultado a essa Guerra do Riachuelo, né? E aí deram nome...rua tororó..tororó..deram nome tudo consonante com a situação do Riachuelo, né. E depois de uns 10 anos mais ou menos, ou menos pra cá resolveram mudar o nome das ruas,né? E hoje ta tudo diferente o nome das ruas do seu propósito inicial.

Quando Seu R. fala da mudança dos nomes das ruas que diferem da proposta inicial, Seu. V., numa fala de revolta, dispara:

Era rua dos farrapos, agora só tem nome... rua José (não compreendido o áudio) que é um compositor italiano que não tem nada a ver com o Brasil, nem com o Amazonas. Algum louco/

Os mais antigos relatam como foi a configuração do bairro e este saber sobre a comunidade também foi um quesito que se perdeu no decorrer dos anos, pois os moradores mais novos não possuem este tipo de essa informação. Além das questões de inserção na comunidade, faz-se necessário pensar como era esta comunidade no momento que os mesmos chegaram. Há 40 anos, o bairro estava surgindo a partir de invasões de terras, e quando alguns entrevistados chegaram haviam duas ou três famílias, logo, como era este território?Dentre os entrevistados, foi apontado como mais antigo o Seu V., o mesmo relata como era vista do bairro:

Quando eu vim morar no Parque Riachuelo não havia comunidade, só mato! Eu não fui o primeiro morador, eu fui o terceiro morador. Primeiro morador foi a Dona Madalena, uma senhora que não existe mais. Depois veio o meu irmão o Dr. Mitrilhasque morava aqui ao lado e em terceiro lugar eu, que comprei esse..Comprei! Não foi invasão. Comprei..é.. 3 lotes de 50x100...esse lotes daqui. Esse espaço!

Com relação a estrutura física, todos falam que no inicio era muito mato, não havia energia, não havia água. Seu R. acrescenta:

Eu vim pra cá em agosto de 1986, né? Aqui não era propriamente um bairro, era um loteamento, né. Tinha 4 ruas. (...) É...realmente, aqui houve uma mudança muito grande, uma imigração muito acelerada e perdeu a sua característica de um loteamento de chácaras.





Houve algumas invasões, pessoas invadiram, pegaram certos lotes e assim começaram a dividi-los em terrenos menores e assim foi. (...)Só 4 ruas sem estrutura, asfalto e nada.

Dona G (filha) aponta sua percepção do bairro quando passou a residir lá, a mesma era criança e tinha, aproximadamente, 8 anos, disse que ficara triste por não ter nada pra fazer e nem pessoas com quem conversar:

Quando eu vim pra cá meu pai era caseiro do Seu V., na época que a gente veio pra cá só tinha a casa dele, aqui tudo era mato, não tinha luz, era lamparina. Tinha uns 4sítios só e todos um distante do outro que tinha aqui, só era a gente mesmo que tinha. A minha mãe trabalhava fora de domésticano apartamento do Seu V. e meu pai era caseiro dele aqui no sítio.

E continua:

E fiquei muito triste, eu chorava que só porque tudo aqui era mato, não tinha nada, nada mesmo. Nada, nada, nada. Só era 5 horas da tarde já começava os grilos (risos) a gritar e eu começava a chorar e a ficar triste. Aí era assim a vida aqui!

Seu P. que nesses 20 anos de moradia, firmou estadia no bairro, inclusive trabalho, pois tem um mercadinho (o principal do local), também conta quando chegou. Mesmo que o bairro já tivesse firmado, ele chegou uns quase 20 anos depois do surgimento, mas encontrou a mesma situação daqueles que estavam há 40 anos, dizendo:

Aqui nãotinha quase...esse bairro aqui é um bairro que não cresce, com terreno tão grande...quem tem um terreno não quer vender, aí nunca vai ficar um bairro como outros bairros por aí, cheio de casa...e até o motivo que político não faz nada aqui por causa disso, porque tem pouco voto. É, chega aqui e faz uma reunião com pouca gente, não tem ninguém interessado.

Ainda hoje o Parque Riachuelo não possui asfaltamento, dentre outros fatores básicos. Diante desta realidade, abre-se espaço para dois apontamentos: um deles é o descaso do poder público, descrito acima pelo Sr. P., e que está intimamente ligado à questões políticas, pois apesar de grande território, os loteamentos são em larga escala. Por isso poucas pessoas, e segundo Seu P. e outros moradores em outros momentos de pesquisa (Calegare, 2015), os políticos não se interessam em colaborar com o bairro por conta da pouca contabilização de votos por pessoa. Outro fator, e o que faz D. G. (filha) discordar desta afirmação de Seu P. sobre este assunto, é a própria falta de mobilização dos moradores. Ela fala sobre quando indagada sobre essa possibilidade política por poucos votos, e ela afirma:

Mas eu acredito que isso não tem nada a ver! Mas sabe o que que é? Aqui é porque é mais espaçoso, mas se você entrar lá pra dentro..tem muitas casas...sendo que a maioria do pessoal lá depende da entrada daqui pra poder ter o acesso. Então porque que não se reúne o pessoal de lá com os poucos gatos pingados daqui. Porque ia dar alguma coisa,né?

Apesar da sua primeira fala, Seu P. infere, com desânimo, sobre a situação da participação dos comunitários em reuniões ou encontros:

É, chega aqui e faz uma reunião com pouca gente, não tem ninguém interessado.

Ao ser questionado sobre seu pensamento acerca desta estagnação física da comunidade, Seu V. afirma que já entraram em contato com prefeitura e governo e ninguém se responsabiliza em fazer o serviço, visto que:





O prefeito não faz nada aqui porque diz que quem tem a obrigação de fazer é o governo e o governo diz que é a prefeitura. E que os moradores que moram aqui tem a condição de fazer, mas eu não vou fazer asfalto. Aliás... escola, asfalto, esgoto é tudo dever do município.

Um momento perceptível de saudosismo nos entrevistados, foi quando, ao relatar a comunidade de antigamente, os mesmo falaram na existência de um igarapé onde todos podiam tomar banho e os filhos brincavam. Este elemento apareceu como um ponto positivo desta comunidade e que lhes ofereceu-lhe lembranças boas. Este igarapé passava por trás da casa de Seu Chico e hoje, encontra-se, defasado e sem utilidade.

Seu P. que mora próximo a este terreno onde ficava o igarapé, relata que o o local era limpo e eles tomavam banho:

Tem, tem, a gente sempre tomava banho por aí. Ainda dava...Agora...agora não tomo mais, se tomar... (risos).

Acerca de outras informações, Seu R. conta ter sido nas margens do igarapé um dos processos de invasão da comunidade, e que as pessoas ao entorno dele não possuem documentação do local.

Essa rua ta aproximadamente háuns 15 anos. A rua já existia, né!Já tinha sido aberta quando o loteamento foi feito, mas só que ela n era transitável e so depois foi que começaram a habitar nas margens doigarapé que n tinha nada nas margens do igarapé. Aí fizeram ocupação, as pessoas não têm doumentodessa ocupação nas margens do igarapé, não conheço ninguém que tenha documentação.

Deste modo, desde o momento em que chegaram até a comunidade há 20 ou quase 40 anos, a situação era de um local desestruturado que com o tempo foi sendo loteado de forma, legal ou não, mas que foi acolhendo pessoas que construíram famílias, estabeleceram pontos comerciais para seu sustento e continuam a morar na comunidade.

### 8.2. As melhorias da comunidade ao longo dos anos e os ganhos da comunidade

Ainda que com muitas dificuldades, a comunidade obteve alguns desenvolvimentos nas áreas da saúde e da educação, visto que foram instaladas uma unidade básica de saúde e uma escola de ensino fundamental. Com 40 anos de existência, somente nos últimos anos a comunidade adquiriu estes benefícios para a população, como podemos perceber nas seguintes falas:

Chegueiaqui e não tinha nada não! Essa UBS aí é nova, acho que ela tem uns...não tenho certeza, mas acho que no máximo uns 3 anos.

Dona G.(filha) também fala do pouco tempo de existência da Ubse conta sobre a escola, o quanto ela foi conquistada pela própria comunidade:

A ubs é, tem, praticamente, uns 2 anos, e a escola ...também... (...) A gente pedia muito, né? A D. J., o meu irmão também se metia muito nisso aí! A D. J. fez vários abaixo-assinados...e nada, a gente precisava de uma escola pra cá pra dentro.

Neste momento, pode-se perceber uma comunidade com longo período de existência e poucos benefícios conseguidos. Contudo, no episódio em que os comunitários uniram-se, realizaram





um abaixo-assinado orientado por uma pessoa que faz o papel de ator social, a comunidade possui um ganho. Mias uma vez é comprovado a importância da participação popular para o desenvolvimento comunitário.

Sasaron (1974 apud ELVAZ; MONIZ, 2010) discorre sobre o sentimento de comunidade estar no centro do processo de construção e fortalecimento de qualquer comunidade e que este sentimento surge do propósito do coletivo e das singularidades. E isto é perceptível na narrativa de Dona G (filha), visto que a conquista da escola foi a partir de lutas comunitárias, era uma necessidade do grupo que vinha de cada individuo, e juntos conseguiram fazer a mobilização.

Uma grande queixa de Seu V. é a respeito do descaso do poder público e a colocação de que os moradores teriam condições e poderiam fazer isto que lhes falta, mas com indignação, ele fala da responsabilidade do governo diante desta situação. Por outro lado, a comunidade passou por vários momentos em que teve que se posicionar como feitor a fim de melhorar suas situações. Seu C. relata a dificuldade que possuíam para ligar duas partes da comunidade, por isso os comunitários se reuniram e, de fato, construíram o lhes ajudaria na locomoção, uma ponte:

Aqui não tinha nada. Aqui foram comprando...fizeram uma ponte ali, nós que fizemos, pode passar o que for, nós, dona j. nós que construímos... passou um bom tempo aqui, rum! (...)A prefeitura...pra vim mesmo pra fazer...aqui boa parte foi nós que fizemos.

Durante a entrevista com Seu C., pôde-se perceber a satisfação do mesmo por estar envolvido no feito pra comunidade. É relevante pensar o sentimento de comunidade, que foi colocado por Sasaron (1974), essa necessidade do todo fortalecendo esse sentimento de comunidade. Bem como, neste momento podemos colocar o pensamento de Lima & Bonfim (2009, p.494):

Este sentimento relaciona-se com a vinculação dos sujeitos a um mesmo lugar e a uma forma de vida comunitária, podendo desencadear a participação para resolver dificuldades em comum.

É perceptível que em Seu C. há a presença do sentimento comunitário, pois o mesmo se dispõe a participar das transformações tanto físicas (construção da ponte) quanto sociais (ele era participante da Associação) da comunidade. E a consequência disto, é que a partir dos feitos, este sentimento de pertença fortalece-se ainda mais dentro dele.

Se o discurso de Seu C. fosse disseminado entre os comunitários e os mesmos pudessem compreender esse modo de ser na comunidade, o sentimento de pertença poderia ser potencializado nas demais pessoas. E o intuito desta pesquisa é este, a partir dos discursos recolhidos,apresentar para os demais moradores esta forma de atuação, procurando despertar este sentimento e conscientizá-lo de sua identidade grupal. Segundo Giuliani (2004), o senso de pertencimento é um componente essencialpara que as redes sociais possam funcionar dentro de um espaço geográfico.





Por outro lado, também há o discurso das não melhorias da comunidade, Seu P. relata, com desilusão, o estado similar de alguns aspectos do bairro hoje igual a antigamente:

Quando eu vim pra cá, esse bairro era só...mesmo...todo lama e buraco! Quer dizer, hoje ta melhor, mas, também, não é muita coisa não!

Estas colocações também são relevantes, pois a relação que a pessoa tem com o ambiente está intimamente relacionada com seu sentimento de apego pelo local, o que se torna um fator para o sentimento comunitário. Sanchez Vida (1991) coloca a importância da segurança no ambiente relacionada com o sentimento do morador pelo local. Guiliani (2004), neste mesmo contexto, afirma que a segurança e conforto gerado por um ambiente às pessoas interfere na maneira como interagem com esse lugar, podendo promover mudanças quando estas são possíveis.

Logo, este sentimento de comunidade adormecido no antigos moradores, e talvez, inexistente nos novos, pode ter a ver com a situação de abandono em que se encontra o bairro. Não há perspectivas de melhorias físicas e sociais. Portanto, as necessidades continuarão, as dificuldades permanecerão, e não há um otimismo ou esperança de melhorias. O sentimento de desilusão é generalizado, o que afasta, ainda mais, o sentimento de pertença.

### 8.3. Engajamento comunitário X Sentimento de Comunidade

O que um indivíduo realiza por sua comunidade tem diretamente a ver com o seu sentimento de pertença. O ideal seria que este sentimento fosse despertado em cada morador e os mesmos pudessem realizar feitos em prol de sua comunidade, a fim de resolver seus impasses e melhorar a situação da mesma no que diz respeito à infraestrutura, saúde, educação, etc. Segundo Gusfield (1975), caso haja um elevado sentimento de comunidade, há mais probabilidade das pessoas se mobilizarem e participar de propostas de soluções aos seus problemas.

E o que seria, de fato, este sentimento de comunidade capaz de mobilizar pessoas e, conseqüentemente, causar uma transformação social? Sarason (1974), que é conhecido como o pai do sentimento de comunidade, define da seguinte forma: "sentimento de que fazemosparte de uma rede de relacionamento de suportemútuo, sempre disponível e da qual podemos depender" (Sarason, 1974, p. 1).

Em um primeiro momento, é interessante pensar este sentimento como acontecido no inicio do bairro Parque Riachuelo I. Pode-se perceber quando o Seu V. relata fatos em que ajudava a comunidade:

Não tinha luz elétrica, não tinha nada aqui! Eu fiz um poço de água e as pessoas que precisavam de águavinham pegar aí. Eu não ia negar água pra ninguém, né? E de modo que foi assim que foi crescendo.





Este mesmo senhor é casado com uma médica e como o posto de saúde da comunidade é recente, em tempos remotos quem auxiliava na saúde dos comunitários era a sua esposa, a Sra. A., conforme a narrativa:

Porque ela é medica então nos trazíamos pra cá muitos remédios, e logo o pessoal trazia as crianças pra cá pra consultar, então a gente sempre atendia não cobrou nada.

Estes relatos de colaboração são confirmados, e também, acrescentados por Seu R., quando o mesmo fala da colaboração oferecida por Seu V.e esposa, e de sua contribuição com os vizinhos:

Eu participo! Sempre que as pessoas me procuram eu procuro ajudar, orientar, dar uma palavra. o V. é outra pessoa muito comprometida, sempre que pode...a esposa dele é medica e já ajudou muito...então, sabe...todos nós já prestamos os nossos bons serviços á nossa comunidade, não sei se as pessoas pensam assim, mas também não estou preocupado o que pensa ou deixam de pensar, mas que a gente já fez alguma coisa.

Contudo, em um segundo momento, abre-se margem para a seguinte reflexão: até que ponto esta ajuda é apenas uma ajuda isolada do comunitário e em que momento ela poderia ser o engajamento comunitário? Antigamente, quando 5 ou 6 famílias habitavam o Parque Riachuelo I, esta "ajuda" era suficiente, contudo, ao passar dos anos a demanda da comunidade foi aumentando, o número de pessoas foi crescendo e a dificuldade de colaborar entres si começou a surgir, e digo colaboração de forma mais ampla, não querendo inferir no sentimento de individualidade do cada um, mas na forma como esta atitude é percebida por quem faz e por quem recebe.

Diante disto, observamos a confusão na percepção dos moradores sobre o que seria o engajamento comunitário. Talvez isto seja um problema macro representando neste instante nesta comunidade. Em outras pesquisas realizadas na referida comunidade, é apresentada uma falta de conscientização a respeito da participação. Os moradores acreditam que benefícios para a comunidade são apenas ganhos materiais e que estes são conseguidos através de pessoas que estão no poder, pessoas em melhores condições financeiras que contribuem na comunidade, isto faz com que os próprios indivíduos não consigam perceber a sua responsabilidade dentro do ambiente.

Um exemplo disto é quando Dona G. (mãe) faz críticas a terceiros que se mobilizam nas atividades e aponta possibilidades de união, sem perceber que ela própria está eximindo-se da sua parcela de afastamento das atividades. Ela narra que já foi ativa, mas hoje não é mais:

Nessas festas da igreja eu ajudava, eu fazia bolo e comida pra ajudar, mas aí o dinheiro ficava pra quem? Aí eu parei de ajudar, num faço mais!

Dona G. (filha) também comenta sobre possibilidades de união da comunidade, atividades que poderiam ser realizadas:

Aqui tem muito espaço, aqui não tem uma oficina pra criança se interessar, ou um..artesanato pra mãe fazer...no cão eu sei fazer desinfetante, sabonete, eu sei fazer varias coisas, mas de que adiante eu saber? No caso eu poderia até ensinar alguém, mas tem que ter um clube de mãe.





Neste episódio faz-se necessário colocar a reflexão de Sawaia (1996), quando aponta a comunidade como uma possibilidade de transformações na sociedade a partir de uma ação conjunta em que se destaquem as potencialidades individuais e grupais. Dona G. (mãe) continua, ao falarque já houve tentativa de oficina de mães, mas que não deu muito certo:

Não sei, só ouvi falar que iam fazer, mas não saiu! Olha ali, a Dona menina, mulher do Seu Dominguinhos, ela faz crochê, poderia ensinar , um guardanapo como se faz , como faz tudinho, dar aula pra quem quisesse participar (...) onde que tem, que sabe de fazer alguma coisa...reunia um clube de mães, que í já é uma fonte de renda...que nem..pega e vai vender.

Ela é enfática ao relatar sua percepção sobre os moradores. Com indignação ela fala sobre o descaso dos comunitários com as atividades do bairro:

Mana, pra que adianta chamar? Se eles não vêm, é até meio chato...assim..não se importa, não se interessa, é meio complicado...um temo aí, andei, andei, eu gosto, mas eu gosto de andar, andar e ver, entendeu? Agora só bater cabeça, bater cabeça, bater cabeça, aí o cabelo da gente fica branco (risos) e não da em nada ...é complicado, eu gosto de ver que deu resultado.

Cabe, aqui, refletir sobre as reflexões feitas por García, Giuliani e Wiesenfeld (2002) quando ditam sobre o que seria denominação de comunidade, o *ser comunidade* estaria em torno de uma rede de apoio mútuo entre seus moradores,o que os faria sentir-se seguro diante das problemáticas enfrentadas, e o sentimento de Dona G. (filha) deixaria der o de abandono, de luta solitária. Este sentimento parece ser o que inunda muitos moradores da comunidade ao não enxergarem esta rede.

#### 8.4. Gostar de viver na comunidade

Diante do que já foi visto, pôde-se conhecer os motivos pelos quais estas pessoas foram morar no bairro Parque Riachuelo I, algumas vezes as possibilidades, outras a necessidade por conta de outro familiar, questões trabalhistas e, também, o próprio apreço pelo local. Apreço este que pode ser visto na fala do Seu R., quando indagado sobre gostar de morar na comunidade:

Gosto... um local tranquilo, sabe? As pessoas todas se conhecem, não existe ninguém que não se respeite...uma situação ate que boa, né? Porque geralmente briga de vizinho que não se dá.(...) Com certeza, pode ver, você fazendo sua pesquisa e tudo você vai concluir que as pessoas não falam mal de seus vizinhos...salvo engano algum ou outro, eu não sei, mas se tiver também nem sei quem é!

Seu R. desde o principio manteve apreciação pela comunidade, ainda que com as dificuldades iniciais conseguiu construir casa e criar seus filhos. Possui bom relacionamento com os vizinhos, mas em interagir diariamente com o mesmo. Ele estabeleceu relação com o local, o apego pelo ambiente. Dentro do âmbito do sentimento de comunidade, há elementos de apego ao lugar, à este apego dar-se-á importância. Giuliani (2004) fala obre a vinculação que o morador estabelece com o lugar, esta vinculação se dá a partir do afeto desenvolvido a partir de fatos acontecidos, historias vivenciadas e pessoas com quem se interage.

Assim como Seu R., o Seu V.embora tenha colocado algumas dificuldades que encontra na comunidade, ele possui uma apego pelo local, em sua história com o bairro, o mesmo fez a escolha





de residir no local e, possuindo condições financeiras estáveis, pouco a pouco foi melhorando sua estadia. Durante todos os anos pôde suprir suas necessidades e conviver com a realidade do local, por isso seu apego está relacionado ao ambiente natureza, ele gosta do verde e da tranquilidade do local. Seu C. é sucinto ao responder se gosta de morar na comunidade: "Ah, Deus o livre! Aqui é um paraíso, aqui. Bom mesmo!"

Seu C. foi morar por ser caseiro do Seu V., morou 1 ano na casa do mesmo e quando gostou, comprou um terrenos elevou a mulher e os filhos para o local, os filhos já casaram e construíram suas casas no terreno do pai:

Minha mulher morava na compensa com meus filhos. Eu vim e fiquei trabalhando, aí depois que eu comprei um terreno ali dentro, ai depois ela veio. Depois que comprei, ela veio

Seu C. também estabeleceu comércio e possui um bar na principal rua da comunidade. Hoje, ele demonstra estar satisfeito com sua situação. Essa satisfação de necessidades é fator de extrema importância para despertar o envolvimento comunitário, o sentimento de pertença e tais elementos são perceptíveis na vida do mesmo que diz não possuir muitos conhecimentos, mas faz-se presente na Associação, participa de atividades na igreja e da comunidade. Pode-se inferir sobre a relação entre a satisfação X engajamento comunitário, o que está dividido segundo Moniz eElvaz (2010) em níveis individuas e níveis coletivos:

Assim, quanto maior a integração e satisfação perante uma comunidade, maiores serão os benefícios individuais e comunitários. A nível individual, um maior sentimento de comunidade traduz-se em níveis mais elevados de bem-estar, qualidade e satisfação de vida; sentido de justiça e capital social; menor solidão e isolamento. A nível comunitário, identifica-se uma maior colaboração e força comunitária, mobilização e participação em torno da mudança social(p.01).

Seu P. da mesma forma que Seu C. também chegou no bairro com sua família e constituiu moradia e comércio, mas não se vê tão engajado nas lutas comunitárias, o que talvez não desperte seu sentimento comunitário, apesar de possuir apego pelo lugar. Em sua fala:

Eu vim do Maranhão, vi esse lugar calmo, gostei e aqui dá pra criar a minha família, criar meus filhos... É, tranqüilo e aqui é bom... (...) aqui é tranqüilo, de noite não tem nenhum barulho, não tem carro, tem nada... O vento é bom...bateu forte a pouco! É, aqui é bom por isso..a gente mora....eu acho perto, né? Tem gente que pensa que aqui é longe! Não é nada, tem o aeroporto aqui e tudo encontra.(...)Aí...eu não acho ruim morar aqui não! Muito bom! Até porque pra mim sair daqui eu tinha que ir pra um bairro...lá...sair daqui pra ir pro Novo Israel? Eu num vou pro Novo Israel! Não vou!

É interessante pensar, a partir desta fala, em quesitos sobre a satisfação pessoal das pessoas. Sobre a necessidade de se estabelecer e firmar-se. Mais uma vez, coloca-se um dos ambiento do apego, pode-se apontar a relação de apego do Seu P. com a comunidade a partir da conquista de seu comercio.





Por fim, coloca-se a fala de D. G. (filha) que foi residir na comunidade por conta do trabalho dos pais. Se a vinculação do morador dar-se-á também pelo que foi vivido, pode-se citar que Dona G. (filha) é um exemplo disto, demonstrando um dos trechos de sua narrativa, quando fala como eram os seus sentimentos quando adentrou, ainda menina, a comunidade:

Só era 5 horas da tarde já começava os grilos (risos) a gritar e eu começava a chorar e a ficar triste. Aí era assim a vida aqui!

Quando perguntada sobre o gostar de morar na comunidade, a mesma, de forma categórica respondeu que não, além de relatar apenas as dificuldades:

Olha... Gostar, gostar eu não gosto, porque é muito difícil sobreviver aqui. Aqui é muito parada pra tudo! Pra tudo, tudo, tudo, tem que se virar muito, vende uma coisinha aqui ou vende fora ou vai trabalhar fora mesmo pra conseguir algo pra trazer o pão de cada dia pra sua casa...Então, se depender só daqui é ruim, não consegue, tem que ter uma outra fonte de renda, aqui é muito parado! Olha, se o Seu P. for depender só da fonte de renda daqui mesmo não ia dar, ele tem outro mercadinho pro outro bairro, aí é complicado...aqui não dá nem pra colocar uma mesa de churrasco porque não vai, não é movimentado!

Sua insatisfação se dá pela falta de possibilidades de, segundo ela, sobrevivência no local. Pode ser que tenhamos encontrado o motivo de sua desilusão relatada durante a entrevista.

Ao refletir sobre os sentimentos de D. G. (filha) ao longo da narrativa, aproprio-me das teorias de Pretty, Andrews e Collet (1994) que apesar de terem avaliado adolescentes em relação com escola e vizinhança, contribuíram para este comparativo ao inferir queausência do sentimento de comunidade numbairro leva à solidão e ao isolamento. E esta é uma questão relevante quando se fala em comunidade.

As relações entre as pessoas fortalecem as teias comunitárias e é essencial pensar no quanto este suporte social tem relação com a auto-estima, satisfação de vida e, conseqüentemente, no sentimento de comunidade (MUNIZ; ELDRAZ, 2010).

#### CONCLUSÃO

O bairro Parque Riachuelo I tem, aproximadamente, 40 anos de existência e possui cerca de meia dúzia de moradores que puderam acompanhar os traços desta existência, há quem diga sobrevivência. No decorrer dos anos, o bairro passou por algumas transformações no que diz respeito a sua divisão geográfica, pois foram criadas novas ruas, enquanto outras foram fechadas, foram divididos, licita ou ilicitamente, novos lotes, os quais foram povoados com a chegada de novas pessoas à comunidade. Alguns momentos de união e luta foram necessários para a conquista de educação e saúde. Entretanto, ainda hoje, o bairro encontra-se em situação precária no que diz respeito à sua infraestrutura (asfaltamento, saneamento, energia elétrica) e, de um modo geral, às necessidades da população local.





Inicialmente, é interessante pensar esta comunidade 40 anos atrás, de que forma ela foi constituída, de que forma ela foi povoada, de que forma as pessoas que ali começaram a residir conseguiam sobreviver. Se hoje as questões acima citadas ainda assombram os moradores do local, quem dirá há 40 anos, quando haviam poucos indivíduos com condições ainda mais minimizadas de moradia, e digo isto no sentido de recursos físicos e não financeiros.

A primeira colocação que considero importante apresentar é o fato de estes seis moradores, de alguma forma, possuem suas vidas entrelaçadas. É interessante perceber o quanto as histórias se cruzam durante a narração. Isto mostra o convívio em comunidade que existia no princípio, as atividades diárias, tanto domésticas quanto laborais, são contadas a partir da visão do outro. Desde o momento em que tornaram-se moradores do bairro, perpassando pela superação de dificuldades primárias e a permanência no bairro contem fatores em comum. Se existia esta correlação de histórias, este entrelaçar de vidas, percebe-se a presença de uma rede comunitária.

Não existe uma situação de pobreza no bairro, contudo, podemos observar a existência de duas realidades de seus moradores, isto acontece desde o princípio do bairro. Alguns indivíduos tinham grandes cargos e conheceram o local através de colegas de trabalho ou familiares e, de forma livre e consciente, quiseram adentrar ao local comprando grandes lotes e construindo, ao longo dos anos, casas grandes ou luxuosos sítios.

Entretanto, simultaneamente, surgiram aquelas pessoas que chegaram até o bairro com o intuito de trabalhar para o grupo acima apresentado. Ainda hoje, estas duas faces são percebidas na comunidade e relatadas, fortemente, pela população local. Isto é visível no panorama da comunidade. Essa divergência existente não tem sido bem elaborada pela comunidade, diferente de antigamente, pois aqueles que possuíam melhores condições relatam ter ajudado os vizinhos no que precisava.

Hoje, este discurso é mais afastado, apesar de demonstrarem uma superficial disponibilidade, não há um real envolvimento e acabam surgindo críticas entre as duas vertentes, pois na visão dos mesmos, uns não se importam com as melhorias da comunidade por possuir casas de passeios e não estar no dia-a-dia do local. E outros reclamam que as pessoas não possuem disponibilidade para engajar-se em atividades da comunidade. Por fim, por diferentes motivos, todos reclamam da "falta de união" do povo para as lutas locais.

O que nos leva a pensar, se o que acontecia antes era algum tipo de ajuda mútua, em que momento isto se perdeu? Em que momento uma comunidade deixa de exercer um papel significativo na vida de seus habitantes? É interessante tentar pontuar quais motivos fizeram as pessoas perderem essa noção do coletivo. A reflexão pode ser feita em torno deste mundo capitalista





ou dos *tempos líquidos* em que vivemos, pois o fato é que as pessoas tem priorizado a sua vida individual, seu bem-estar e ignorado o coletivo. Este grupo de pessoas que esteve junto durante estes, pelo menos, últimos 20 anos possui histórias daquela época, mas em nenhum momento apresentam contos atuais em comum, o que dá visibilidade a, primeiramente, redes comunitárias perdidas, resultando em sentimento comunitário adormecido.

E no momento em que estes laços comunitários foram perdidos, a comunidade deixou de ganhar, bem como aqueles que adentram o território em tempos mais recentes e ingressam neste modo de ser individualizado. Isto é posto quando os entrevistados relatam que chegaram (e ainda estão chegando) novos moradores, os quais eles não conhecem, pessoas que apenas moram na comunidade, mas possuem atividades laborais e culturais fora da comunidade. Esta pessoas entram na comunidade em um caminho traçado isoladamente. A realidade poderia ser diferente, caso estes fossem acolhidos, integrados, a fim de despertar o essencial sentimento de pertença.

Outro fator que foi percebido é a concepção que as pessoas têm de engajamento comunitário, em vários relatos, podemos perceber este engajamento sendo compreendido como ajuda mútua, e não é, apenas, isto. O engajamento é algo baseado na identidade grupal com fins para a transformação social daquele lugar, de forma continua e permanente, e não apenas um momento.

Quando falamos em comunidades, os pesquisadores devem adentrar ao local a fim de conhecê-la a partir de seus próprios comunitários. Por conseguinte compreender a realidade do ambiente (pessoas/espaço), com o objetivo de descobrir os pontos fortes, para potencializá-los, e os pontos fracos, a fim de melhorá-los. Mas esta otimização das forças é feita a partir dos próprio moradores, deles em um processo de conscientização e empoderamentoque poderão transformar sua realidade. Desta forma, nesta pesquisa junto com estes moradores mais velhos, pôde-se perceber um sentimento comunitário que já existiu, mas, atualmente, encontra-se adormecido nos indivíduos. Em diálogos individuais, cada um coloca as possibilidades individuais (sua ou do outro), mas não consegue colocar em prática por conta da falta de fortalecimento comunitário. Ao reproduzir o livreto com a história de reconstrução do bairro a partir do relato dos mais velhos, tem-se a grande possibilidade de despertar, no mínimo, um interesse de engajamento comunitário e, na melhor das hipóteses, um sentimento de pertença à comunidade Parque Riachuelo I.

#### 9. Referências

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letra, 1994.



### UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

### **RELATÓRIO FINAL PIBIC/PAIC 2015-2016**



- . O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BORDENAVE, J. E. D. O que é participação?.8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994
- CALEGARE, M. G. A. Abordagens em Psicologia Social e seu ensino. *Revista Transformações em Psicologia*,v.3, n.2, p.1-16, 2010.
- CALEGARE, M. G. A. et al. *Participação e conscientização dos moradores no Parque Riachuelo I.* Relatório técnico. Manaus: UFAM, 2015.
- COSTA, S. L. Os sentidos da comunidade: construções intergeracionais de memória coletiva na Ilha das Caieiras, em Vitória ES. 2008. 337 f. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- DEMBICZ, A. El espacio entre ló local y ló global. In: LEMOS, M. T. T. B.; MORAES, N. A. (Org.). Memória e Identidade. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000. P. 9-14
- GIL, Antonio C. Métodos e Técnicas de pesquisa social. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIULIANI, M. V. (2004). O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. In Tassara, E. T., Rabinovich, E. P., & Guedes, M.C., Psicologia e ambiente. São Paulo: Educ.
- GÓIS, C. W. L. Atividade e consciência. Fortaleza: Instituto Paulo Freire, 2005.
- GÓIS, C. W. L. Noções de psicologia comunitária. Fortaleza: Edições UFC, 1993.
- GOMES, Antônio Maspoli de Araujo Gomes. Psicologia Comunitária: Uma abordagem Conceitual. São Paulo, 1999.
- GUARESCHI, P. A. *Psicologia Social Crítica* como prática de libertação.3ª ed. Porto Alegre: Edipurcs, 2005..
- GUARESCHI, P. A. (Orgs.). *Paradigmas em Psicologia Social*: a perspectiva Latino-Americana. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 70-87.
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Editora Centauro, 1990.
- INCRA, Ministério da Política Fundiária e do Desenvolvimento Agrária. *O Livro Branco da Grilagem de Terra no Brasil*. Brasília: INCRA, 2000.
- JESUS, E.; AGUIAR, L. Expansão urbana em Manaus e conflitos ambientais: o caso Tarumã na zona oeste da cidade. In: *Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica*, 9., 2011, Brasília. Artigo. Amazonas, p.16.
- LE GOFF, J. História e Memória. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.
- MONIZ, M.J.V; ELDRAZ, S. Sentimento de comunidade, qualidade e satisfação de vida. Análise Psicológica, v.3, n. 28, p.451-464, 2010.
- MONTERO, M.; SONN, C. Psychology of liberation: theory and applications. *Political Psychology*, v.32, n. 5, p.932 934, 2011.
- NISBET, R. Comunidade. In. MARTINS, J.S.; FORACI. M.M. Sociologia e Sociedade. Rio de Janeiro:Livro Técnico e Científico Editora, 1978.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares.In: Projeto História. São Paulo: CEDUC, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n 10, p. 200-212.1992.
- PRETTY, G., CONROY, C., DUGAY, J., FOWLER, K., WILLIAMS, D. (1996). Sense of community and its relevance to adolescents of all ages. *Journal of Community Psychology*, v.24, n.4, p. 365-379, 1996.
- PREZZA, M., AMICI, M., ROBERTI, T., TEDESCHI, G. Sense of community referred to the whole town: Its relations with loneliness, life satisfaction and area of residence. *Journal of Community Psychology*, v.29, n.1, 29-52, 2001.
- SÁNCHEZ VIDAL, A. *Psicología comunitária*: bases con-ceptuales y operativas métodos de intervención. Barcelona: Ppu, 1991.





- SARASON, S. The psychological sense of community: Prospects for a community psychology. San Francisco: Jossey-Bass, 1974.
- SAWAIA, B. B. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto à humanidade. In: CAMPOS, R. H. F. (Org.). *Psicologia social comunitária*: da solidariedade à autonomia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- LIMA, D. M. A.; BOMFIM, Z. A. C. Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. *Revista de Psicologia da UFC*, v. 40, n. 4, pp. 491-497, out./dez. 2009.

### 10. Cronograma de Atividades

Nº	Descrição	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
		2015					2016						
1	Pesquisa bibliográfica	X	X	X									
2	Levantamento dos festejos comunitários				X	X	X						
3	Entrevistas com moradores					X	X	X	X				
4	Relatório Parcial					X	X						
5	Análise dos dados							X	X	X	X		
6	<ul> <li>Elaboração do Resumo e</li> <li>Relatório Final</li> <li>Preparação da Apresentação</li> <li>Final para o Congresso</li> </ul>											Х	X